

O XIRÊ: um espaço de teatro enquanto rito religioso



A dança no Candomblé é uma linguagem da maior importância para entabular um diálogo entre os Orixás, os homens, a natureza e a ancestralidade. Dançar para o santo, como se costuma falar nos terreiros, exige conhecimento elaborado sobre a simbologia e o significado de cada gesto. Cada movimento traduz sutilezas

Marlúcia
Mendes
da Rocha*

*Professora da UFSC
Pesquisadora do Káwê

de situações sobre a personalidade mítica do Orixá, contando sua história e aspectos lendários que o identificam e particularizam. O Orixá se vivifica através de uma comunidade da dança com o toque dos atabaques.

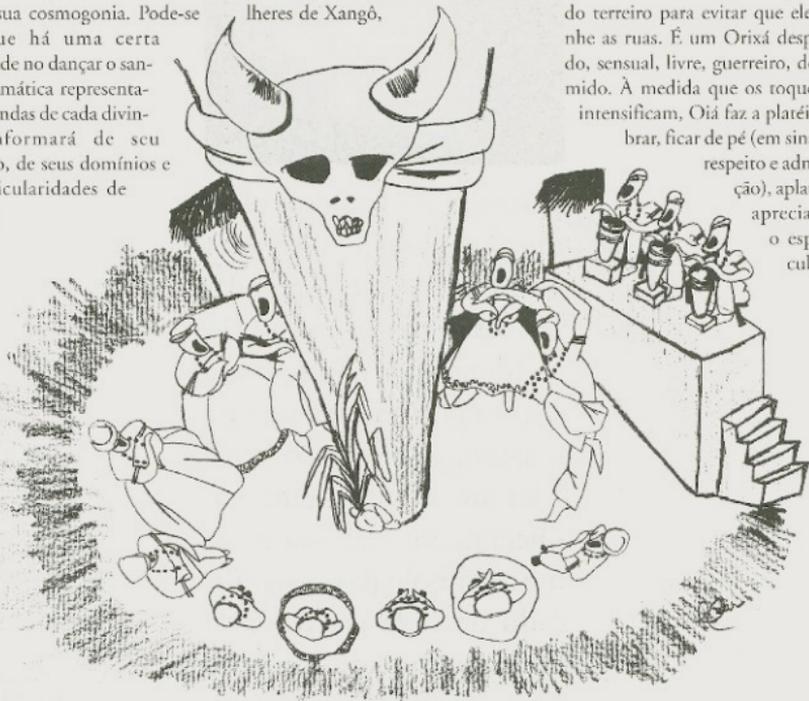
No Candomblé, diferente da concepção ocidental religiosa, a religião com o divino passa necessariamente pelo corpo. O corpo não é aliado da espiritualidade, não é visto em separado, como algo a ser penitenciado. Muito pelo contrário, é através de largos gestos e movimentos corporais que se pode perceber a relação existente entre o Orixá e sua cosmogonia. Pode-se dizer que há uma certa teatralidade no dançar o santo. A dramática representação das lendas de cada divindade informará de seu patronato, de seus domínios e das particularidades de cada um.

A cadência rítmica dos passos, a coreografia dos passos no chão, as evoluções, as vozes que saúdam clamando pelas divindades, a excitação de vida que paira em todo o ambiente de um terreiro, tudo enfim, se comunga para abrir, no emaranhado da existência simples, terrena, sua ligação com o caminho iluminado e mágico da vida iniciática. A dança transforma essas pessoas comuns em seres divinizados e seus corpos vão, pouco a pouco, delineando a compreensão signíca do Orixá correspondente. Pode-se exemplificar através da dança de Ojá, uma das três mulheres de Xangô,

entidade do elemento Fogo, que comanda os ventos e é o único Orixá controlador dos Egunguns. É a um só tempo concebido como um misto de sensualidade feminina e coragem masculina, enquanto guerreira, porque é ela quem divide o poder do Fogo com Xangô.

Ao som dos atabaques, Ojá irrompe no barracão como se fosse o próprio vento. Sua dança é marcada por movimentos rotatórios de braços como se estivesse espantando o ar. Os passos contínuos e velozes conduzem o Orixá até a porta de entrada, sendo, às vezes, necessária a intervenção de pessoas do terreiro para evitar que ele ganhe as ruas. É um Orixá despojado, sensual, livre, guerreiro, destemido. À medida que os toques se intensificam, Ojá faz a platéia vibrar, ficar de pé (em sinal de respeito e admiração), aplaudir, apreciando o espetáculo de

respeito e admiração), aplaudir, apreciando o espetáculo de



passos e gestos combinados, que tentam passar a própria fluidez do vento arrasador, os riscos dos coriscos somados a uma altivez real.

A dança é imitativa de características da natureza, tais como: fenômenos meteorológicos e comportamento animal e faz com que a religião busque uma intimidade com a própria vida. No Candomblé, dançar para o santo significa reverenciá-lo.



Karibé

BIBLIOGRAFIA

- BASTIDE, Roger. *Estudos Afro-brasileiros*. SP. Perspectiva. 1973
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. SP. Perspectiva. 1983
- COULON, Alain. *Etnometodologia*. Petrópolis. Vozes. 1995
- DORT, Bernard. *O teatro e sua realidade*. SP. Perspectiva. 1977
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. SP. Perspectiva. 1991
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. RJ. Guanabara Koogan. 1989
- LESKY, Albin. *A Tragédia Grega*. SP. Perspectiva
- LODY, Raul. *O Povo-de-Santo: religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos*. RJ. Pallas. 1995
- ROCHA, Everaldo. *O que é Mito*. SP. Brasiliense. 1994
- RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil*. SP. Ed. Nacional/Brasília, INL. 1976
- SANTOS, Juana Elbein dos. *Os Nágô e a Morte*. Petrópolis/RJ. Vozes. 1986

SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida*. RJ. Francisco Alves. 1988

_____. *O terreiro e a cidade: a forma social negra brasileira*. Petrópolis. Vozes. 1988.



Karibé



Ilustração: Cássia Moura